

**SIMONE ALMEIDA DE OLIVEIRA**

**PENHA DE FRANÇA: ONDE O ROSÁRIO NOS UNE  
SOBREVIVÊNCIAS CULTURAIS E TRANSFORMAÇÕES DO SER E DO  
ESPAÇO EM UMA FESTA RELIGIOSA PAULISTANA**

**CELACC / ECA - USP**

**2014**

**SIMONE ALMEIDA DE OLIVEIRA**

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, produzido sob a orientação do Prof. Dr. Dennis de Oliveira.

**Valei-me São Benedito!**  
**Viva, minha Nossa Senhora do Rosário!**

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente ao Senhor Deus, que me protege e ilumina o meu caminhar.

Aos meus pais por terem me apresentado os santos da igreja católica pelos quais sempre mantive grande devoção.

Ao meu marido Denilson, por ser tão importante na minha vida. Sempre ao meu lado, elevando minha autoestima e me fazendo acreditar que posso mais que imagino. Devido a seu companheirismo, amizade, paciência, compreensão, apoio e amor, este trabalho pôde ser concretizado e à minha filha Kizzi Noani, pelo seu carinho, paciência e colaboração, entendendo minha falta durante os meses que seguiram o curso.

Às senhoras Zulmira Gomes Leite, e Leide que me apresentaram uma forma possível de manifestar minha fé dentro da igreja católica, junto às Irmandades Negras.

Afros agradecimentos a todos os meus irmãos do Rosário e da Pastoral Afro pelo incentivo e colaboração.

Agradeço ainda ao Arquivo Diocesano de São Miguel Paulista e às voluntárias dessa Instituição, as Sras. Marisa e Elza pelo suporte em relação ao manuseio e pesquisas dos livros de tombo da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos.

Aos meus amigos: Antonio Alone Maia, pois sua generosidade intelectual e acadêmica enriqueceu minhas questões e abordagens e ao professor Ivo Antunes Nicolielo Jr, pois a efetivação deste trabalho não seria possível sem seu apoio, que compreendeu a importância da pesquisa para a ampliação de meus conhecimentos e de práticas profissionais.

Não esquecendo minhas amigas: Carol que foi paciente todas as vezes que minhas dúvidas afluíam e me atormentava, ela me acalentava e me orientava fazendo-me descobrir novos caminhos para prosseguir e Fernanda Moraes que com sua paciência, amizade e criticidade sabiamente me conduzia por mares mais calmos, quando o turbilhão do oceano em que eu adentrava começava a ficar muito denso e conflituoso.

Ao meu orientador que foi o grande incentivador para que permanecesse com o tema da religiosidade presente nos festejos a Nossa Senhora do Rosário e com paciência ouvia minhas dúvidas e inquietações.

Aos meus colegas de curso que me aturaram durante os meses que seguiram e tornaram os sábados mais animados.

**LISTA DE IMAGENS**

Imagem 1. Irmandade de São Benedito, anos 1950.....	18
Imagem 2. Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos .....	19
Imagem 3. As congadas entram na Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, para pedir as bênçãos da santa .....	24
Imagem 4. Negros, brancos e o clero na festa .....	25
Imagem 5. Comunidade da Penha .....	25
Imagem 6. Missa solene dos festejos em junho/2014 .....	28
Imagem 7. As duas igrejas vistas do alto.....	28

PENHA DE FRANÇA: ONDE O ROSÁRIO NOS UNE.  
SOBREVIVÊNCIAS CULTURAIS E TRANSFORMAÇÕES DO SER E DO ESPAÇO  
EM UMA FESTA RELIGIOSA PAULISTANA

SIMONE ALMEIDA DE OLIVEIRA<sup>1</sup>

**Resumo**

O presente artigo dedica-se ao estudo da Festa de Nossa Senhora do Rosário, no bairro na Penha de França, a partir do processo de transformação pelo qual passou esta festa. Tais aproximações nos fez reconhecer quais os elementos que contribuíram para que esta tradição popular permanecesse viva neste espaço determinado da cidade de São Paulo.

**Palavras-chave:** resistência, religiosidade, identidade cultural, festa popular.

**Abstract**

This article aims to study the Feast of Our Lady of Rosary, in Penha da França area. To describe the transformation process through which underwent this Feast. The cause, will let us recognize what were the elements that contributed for this popular tradition to remain alive in this space.

**Key words:** resistance, religiosity, cultural identity, popular feast.

**Resumem**

Este artículo está dedicado al estudio de la Fiesta de Nuestra Señora del Rosario, en el barrio de Penha de Francia, desde el proceso de transformación por el cual la fiesta he pasado. Tales aproximaciones nos ha hecho reconocer qué elementos contribuyeron para que ésta tradición popular se mantuviese viva en un determinado espacio en la ciudad de San Pablo.

**Palabras clave:** resistencia, religiosidad, identidad cultural, fiesta popular.

---

<sup>1</sup> Pós-graduanda em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC) da Universidade de São Paulo; Licenciada em Letras – Português / Espanhol, pela Universidade Cruzeiro do Sul.

## SUMÁRIO

Introdução.....	8
Contexto Histórico.....	10
Penha de França, um bairro religioso.....	10
As Irmandades Negras, uma questão de resistência.....	11
A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito na Penha de França.....	13
O Patrimônio Histórico.....	18
Os Festejos.....	24
Sobrevivência e Transformações.....	28
Considerações Finais .....	32
Referências.....	35

## **Introdução**

A escolha do tema surgiu muito antes do ingresso na vida acadêmica, durante a minha adolescência, quando dentro de minhas práticas religiosas, entrei em contato com duas senhoras que me apresentaram as Irmandades Negras. Todavia, antes deste encontro já ensejava a reflexão sobre questões que envolviam o negro, a Igreja, o conformismo e resistência.

A militância e participação dentro da igreja, especificamente junto às Pastorais Sociais, me instigaram a buscar o entendimento sobre a religiosidade popular e a devoção dos negros por Nossa Senhora do Rosário.

O objetivo geral deste artigo é estudar as conexões entre as culturas dos negros trazidos da África para o Brasil e as culturas produzidas aqui, diante de novas situações, dentro de um sistema social e religioso. Um dos muitos resultados destas conexões foi o catolicismo negro.

As Irmandades Religiosas no Brasil foram criadas para abrigar a religiosidade do povo negro impedido de frequentar as mesmas igrejas dos senhores, todas as manifestações que nasceram a partir das Irmandades Religiosas eram formas de resistir ao catolicismo oficial.

Existe no Brasil uma presença muito forte dos festejos, fruto do catolicismo negro, no Sudeste, mais especificamente em São Paulo é possível apontar diferenças entre interior e capital, contudo, neste artigo, abordamos os festejos produzidos há mais de dois séculos por grupos que congregam fé e negritude, especificamente no Largo do Rosário, região do bairro Penha de França, na Zona Leste de São Paulo. A abordagem ainda será ampliada para verificar as relações que participantes e organizadores cultivam com a festa do Rosário, será levantado os possíveis caminhos trilhados pelos membros que participam de tal manifestação, contribuindo para a sobrevivência dessa cultura e tradição. Assim, esse exercício de reflexão nos ajudará a compreender as transformações pelas quais passaram ao longo dos séculos essa festa tradicional que hoje faz parte do Calendário Oficial de festas do município de São Paulo.

A festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no bairro Penha de França tem um histórico centenário. Contudo houve grande período de interrupção e quando de sua retomada recebe o nome de festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e São Benedito, por motivos que ao decorrer deste artigo iremos compreender. O ressurgimento dos festejos, que completa neste ano de 2014 treze anos

traz na atualidade modifica o cenário do bairro, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário ganha um novo colorido. As sobrevivências culturais, presente nos grupos que se unem para a realização da festa, são aqui pontuadas. Diante dessas transformações, o presente trabalho nos coloca vários questionamentos, que ao mesmo tempo orientam a pesquisa: quais as razões que impulsionaram os processos transformativos pelos quais passou este festejo no largo do Rosário na Penha de França? Houve mudanças? O que gerou tais mudanças? O que faz com que as pessoas e grupos como Folias de Reis, Congadas, Pastorais, Movimentos Culturais se mobilizem para que a festa ainda aconteça?

O protagonismo da sociedade e a história em que o evento se insere (ontem e hoje) têm no texto lugar de destaque. Para isso foi necessário entender a festa popular dentro do processo social. A abordagem aqui proposta se enquadra na relação que cada grupo tem com os festejos a estes santos da igreja católica, o que nos levará a crer que são exatamente estas relações que os une.

No processo de pesquisa encontramos diversos autores que utilizavam uma abordagem meramente descritiva a respeito de tal manifestação religiosa. Levamos em conta aqui a sociedade e a história nas quais o evento se insere, para, assim, entender a festa dentro dos processos sociais.

Para que as sensações não remetessem a pesquisa ao pré-conceito ou a noções pré-estabelecidas e ainda para ajustar a dicotomia razão/emoção utilizamos os conceitos de cultura de massa e cultura popular, conformismo e resistência e concepção de símbolo.

A interação dos habitantes da região e convidados, com o evento, se analisada à luz de Néstor Canclini (2003), pode ser entendida como uma concepção aristocrática. Embora os festejos aconteçam no seio da Igreja Católica Apostólica Romana, sua dimensão simbólica é inegavelmente muito marcante. É evidente que a atenção e a importância que esta mesma igreja reserva para esta religiosidade popular é ínfima. Isso permite que, de um lado, os fieis se identifiquem com a festa e, de outro, dá espaço para aqueles que vão apenas para assistir ao evento, observando tudo de um lugar distante, como se a Festa fosse somente um espetáculo.

Em termos metodológicos, foi realizada uma pesquisa empírica, em que foi aplicado o método da observação participante. Este método deu um sentido especial para a pesquisa, pois abriu caminho para o compartilhamento de vivências e trocas profundas de experiências com as pessoas participantes do processo da realização da

festa. Pois através da observação de muitas conversas, portanto da escuta, foi possível obter informações e opiniões a partir de uma base religiosa comum.

A pesquisa dividiu-se em três partes: Contexto histórico em que esses festejos estavam inseridos; O patrimônio cultural, pontuando a importância do reconhecimento e a valorização do patrimônio material e imaterial; Os Festejos e Sobrevivências culturais no Rosário, bem como os processos transformativos que conduziu para uma repaginação da festa. Portanto este artigo traz a mensagem de que a festa do povo vem a ser o terreno do possível.

## **1. Contexto histórico**

### **1.1 Penha de França – Um bairro religioso**

O bairro da Penha de França tem raízes ligadas à história de São Paulo. Desde o Tatuapé às divisas de Guarulhos e São Miguel, estendia-se uma imensa “fazenda com ermida e curral de gado” de propriedade do padre licenciado Matheus Nunes de Siqueira, adquirida dos sucessores de Francisco Jorge por seu irmão, o padre Jacinto Nunes de Siqueira.

As primeiras referências históricas da região são de 1532 quando se estabeleceram os primeiros moradores. O historiador Sylvio Bontempi relata que em 1560 o padre José de Anchieta nomeou o local, então uma aldeia de índios catequizados, com São Miguel de Ururá (BONTEMPI, 1969: p.12).

A certidão de nascimento do bairro é datada de fevereiro de 1667 quando da fundação da Igreja Nossa Senhora da Penha de França. Foi a construção desta que deu, oficialmente, início à região. A construção foi obra do padre Jacinto Nunes de Siqueira, que a ergueu no local da antiga capela.

O bairro é limitado pelo ribeirão Aricanduva, estendendo-se até São Miguel Paulista e, do outro lado, até Guarulhos. Essa proximidade foi a principal razão para a lei provincial de 1880, que anexava a Penha de França ao município de Guarulhos. A população não gostou e exigiu a reintegração do bairro à cidade de São Paulo, que ocorreu em maio de 1886.

São dois os fatos que ajudaram a consagrar a este distrito da Penha como um bairro religioso. A história conta que o nome, Penha de França, surgiu de uma lenda

relacionada de um possível viajante francês e de sua santa de devoção, Nossa Senhora da Penha de França. Hedemir Linguite conta a saga:

[...]segundo a qual viajante fazendo o trajeto de São Paulo Rio de Janeiro, [...] por duas vezes viu-se obrigado a retroceder, à procura de uma imagem de Nossa Senhora da Penha de França. A imagem, por duas vezes, teimosamente, sumira dos pertences de nosso viajante, vindo encontrá-la no alto de uma colina, [...] o viajante viu naquele fato em duas sequências, que a imagem ali desejava ficar e para tanto foi construída uma modesta ermida para abrigar a referida imagem (LINGUITE,apud JESUS, 2007: p.25).

E também um episódio ocorrido com o padre Jacinto quando ele se salvou de um acidente no Ribeirão Aricanduva. Tal episódio ganhou maiores proporções porque o milagre tornou-se público e se propagou, o que acarretou na criação da sala de ex-votos, para acomodar as centenas de peças trazidas pelos fiéis em romaria, e acabou por conferir à Penha, em 1909, o título de santuário mariano, devido ao grande número de peregrinos que procurava a igreja.

A Penha de França deixou de ser arraial em 15 de junho de 1796, quando foi elevada à categoria de freguesia não somente por seu desenvolvimento econômico, mas também por suas marcas religiosas. Pode-se ter um retrato desse bairro através dos registros de obras como livro/álbum Patrimônio Histórico e Cultural de São Paulo, editado pelo Memorial Penha de França e cedido em cópia à Biblioteca José Paulo Paes, do qual reproduzimos o seguinte trecho:

Sua população era composta por imigrantes europeus, principalmente italianos, portugueses e negros que chegavam de Minas Gerais e do interior a procura de trabalho. No Censo realizado em 1872 havia 1883 habitantes e deveriam ter 3000 ao terminar o mesmo século. Em 1940, viviam na região 56.510 habitantes. Para avaliar seu caráter de pequena “cidade” dentro da grande metrópole, basta dizer que, naquele ano apenas na parte urbana do distrito da Penha existiam 6.604 prédios, com 36.682 moradores. Uma população maior que 90% dos municípios paulistas daquela época. Em 1832, os cativos na Penha somavam 129 homens e 152 mulheres, representando aproximadamente 20% da população.

## **1.2 As Irmandades Negras, uma questão de resistência**

A participação dos negros em irmandades católicas como uma forma de resistência à situação de escravizados vem bem antes do início da escravidão no Brasil.

Desde o final do século XV percebia-se a presença das irmandades religiosas na região do antigo Congo.

A historiadora Marina Mello afirma que “o catolicismo serviu como uma ligação com o passado africano, elemento de extrema importância para a composição das novas identidades de comunidades afrodescendentes no contexto da diáspora” (MELLO, 2002: p.127) e ainda assinala que a participação dos negros nestas associações já era comum.

Interessante pontuar que a historiadora chama a atenção para a relação que os participantes e idealizadores dos festejos em torno da coroação dos reis do Congo, frequente nas festas em honra a Nossa Senhora do Rosário, que ocorriam no Brasil desde o século XVII, mantinham percepções bem diferenciadas dessas manifestações, enquanto membros da comunidade negra entendiam que as festas os aproximavam de suas raízes: a presença dos reis do Congo, das chefias africanas e ainda dos ritos de entronização, para os membros que participavam ou estavam próximos à nobreza de origem lusitana os festejos se associavam à noção de um império que avançava e que dominaria os quatro cantos do mundo, ou seja, havia sentimentos de libertação e pertencimento de um lado e de outros sentimentos de opressão.

Tinha-se muita cautela para a elaboração do estatuto, pois este seria confirmado por autoridades do alto clero (cardeais, bispo e até pelo papa) e ainda pelos monarcas, tendo em vista que o trabalho mais expressivo de uma irmandade era atender às necessidades sociais e de saúde da população negra, embora não fossem atividades que estariam relacionadas no estatuto, era de conhecimento da igreja que tal prática ocorria, mas não era possível coibir, pois não haviam provas, todavia era bastante claro na redação as obrigações dos irmãos e também os direitos adquiridos por eles após sua associação, a estrutura da irmandade também fazia parte do estatuto.

De acordo com a historiadora Aparecida Quintão, as Irmandades Religiosas executavam tarefas que faziam parte da rotina da Igreja, tais como organização de procissões, festas, vigílias, missas, coroação de reis e rainhas, contudo suas atividades não se traduziam somente a essa rotina, também cumpriam atribuições de caráter social como ajuda aos necessitados, assistência aos doentes, visita aos prisioneiros, concessão de dotes, proteção contra os maus tratos dos senhores e ajuda para a compra da carta de alforria.

Uma das características mais marcantes das Irmandades era a sua autonomia. O que gerava na igreja um desconforto. Sabendo que estas associações favoreciam ideias e

atitudes revolucionárias, por este motivo a criação de tais associações causava entre os membros do clero uma discussão de cunho político e religioso.

Os festejos promovidos pelas Irmandades Religiosas podem ser entendidos como uma manifestação cultural, contudo verificando o contexto em que estas associações estão inseridas podemos também atribuir aos festejos como sendo um espaço em que os participantes se entregam à alegria, reafirmam identidades, vivenciam o protagonismo, contestam a estrutura da sociedade e reivindicam seu espaço. A festa rompe com a ordem social estabelecida, como afirma Michel de Certeau:

Um uso ('popular') da religião modifica-lhe o funcionamento. Uma maneira de falar essa linguagem recebida a transforma em um canto de resistência, sem que essa metamorfose interna comprometa a sinceridade com a qual pode ser acreditada, nem a lucidez com a qual, aliás, se vêem as lutas e as desigualdades que se ocultam sob a ordem estabelecida. (CERTEAU, 1994: 78-79).

Para o povo, em especial o povo negro, religião e festas, eram costumes e tradições e expressões importantes na sua vida cotidiana, pois contribuía para (re) afirmar sua identidade cultural negra.

### **1.3 A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito na Penha de França**

Em consulta ao Livro de Assentamentos da Irmandade de 1755 - 1780 disponibilizado pelo Arquivo Diocesano (Diocese de São Miguel Paulista – Zona Leste) verifica-se que a Irmandade dos Homens Pretos da Penha já existia com número representativo de membros. Constata-se que essa Irmandade era composta por homens e mulheres, que contribuía com valores expressivos e que estes podiam ser quitados ainda em duas vezes, também eram anotados o nome do irmão ou irmã que havia indicado e quais as exigências necessárias para que este se filiasse à Irmandade.

Constam nos registros dos anos de 1806, 1808 e 1809 os nomes dos eleitos para dirigirem a Irmandade, dos reis e rainhas, juiz e juíza, dos irmãos que compunham a mesa, alferes da bandeira e capitão do mastro, (comprovados nos anexos 4 e 5). Tais dados nos indicam que a Irmandade dos Homens Pretos da Penha promovia festa em honra à Nossa Senhora do Rosário.

O número de padres no país, seja diocesano (aquele que é destinado á uma paróquia e submetido a uma Diocese ou Arquidiocese) ou os pertencentes a alguma ordem religiosa, era insuficiente para atender as necessidades da evangelização, por este motivo a igreja convocou os primeiros missionários redentoristas, vindos da Holanda e da Alemanha, para assumirem a evangelização de alguns estados brasileiros. A chegada dos Padres Redentoristas ao bairro da Penha se deu em 1905, ano em que possivelmente há a dissolução da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos na Penha de França<sup>2</sup>.

Com o aumento dos moradores no bairro e a vinda de fiéis de todos os cantos da cidade era urgente que a igreja de Nossa Senhora da Penha melhorasse suas condições para receber um número maior de fiéis. Diante de tal necessidade, houve o planejamento de se construir uma nova matriz em algum terreno próximo do centro do bairro.

Conforme consta em escritos de Hedemir Linguitte, um escritor penhense já falecido que deixou muitos escritos sobre o bairro da Penha de França, sendo que parte destes está arquivado no acervo privado do Movimento Cultural Penha, nos primeiros anos de atividades dos redentoristas na Penha de França, o mês do Rosário e a festa de Nossa Senhora do Rosário ainda eram celebradas na igreja construída pela Irmandade dos Homens Pretos de maneira solene, como se pode constatar em relato datado de 08 de novembro de 1914, “festa do Rosário realizada com missa cantada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário” como registra a página 86 do Livro das Crônicas da comunidade, em seu volume II.

Como a Irmandade dos Homens Pretos fora constituída anteriormente à chegada dos padres redentoristas, ao longo dos anos o descontentamento-com esta irmandade só aumentava, pois os padres não tinham domínio sobre o que fora definido no estatuto. Tal situação é detalhada pela historiadora Aparecida Quintão:

O que inicialmente chama a atenção é perceber que as irmandades de pretos sempre foram vistas com muita desconfiança, e por isso mesmo, sobre elas pesava uma maior vigilância.

Eram frequentes também as acusações dos párocos às irmandades. Primeiro, porque empregavam seus recursos nas suas próprias capelas e igrejas, recusando-se a auxiliar com as despesas dos ofícios religiosos das matrizes. E ainda, porque celebravam suas despesas dos ofícios sem a autoridade e assistência dos párocos, impedindo-os de

---

<sup>2</sup> Não foi possível confirmar tal informação, pois os registros dos anos de 1876 até 1891, que constam dos livros SM0692 e SM0693, têm manuscritos ilegíveis.

receber os emolumentos e desfrutar das regalias de sua posição hierárquica (QUINTÃO, 2002: p 90).

Como estratégia de combate à irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, os padres redentoristas começaram a boicotar as festas da santa e suscitar a criação de nova irmandade, e antes de serem iniciadas as obras da matriz e a substituição temporária desta pela Igreja do Rosário foram tomadas algumas providências para que nada acontecesse de forma indesejável. Assim, o vigário Padre Oscar Chagas Azeredo, que pertencia à primeira turma de brasileiros ordenados como sacerdotes na Congregação Redentorista, solicitou ao arcebispo metropolitano Dom Duarte Leopoldo e Silva que autorizasse a fundação canônica da Irmandade de São Benedito em forma de Associação, de acordo com os estatutos, elaborados de comum acordo pelas autoridades eclesiais da arquidiocese e da paróquia. Sabia-se que os negros também tinham grande devoção por São Benedito de acordo com os registros da historiadora Aparecida Quintão.

São Benedito é o mais popular e familiar dentre os santos negros e seu culto precedeu ao reconhecimento oficial. Devoção difundida desde a sua morte em 1589 quando foi autorizada pela Igreja somente em 1743, o que retardou a organização de Irmandades dedicadas exclusivamente a este santo. (QUINTÃO, 2002: p. 82)

Os homens pretos do Rosário passaram longo período necessitando utilizar de diversas estratégias para manterem as festas, que eram celebradas timidamente, com tríduos, (que é a festa, ou exercício religioso que se repete durante três dias consecutivos), missas e pequena procissão.

[...] O mês do Rosário, como de costume, foi celebrado com solenidade e segundo as prescrições eclesiais. As regras, recitação do terço, ladainha cantada e bênção com os Santíssimos Sacramentos, foram sempre feitas na Igreja do Rosário. Com a devida autorização conservou-se ali durante o mês do Sacramento duas vezes na semana eram celebradas missas naquela igreja nas quartas às 7h e nos sábados às 8h, missa com cântico e insensação de altar. A frequência às rezas foi sempre considerável. No dia 31 foi feito o encerramento do mês do com missa solene e procissão saindo esta não da igreja do Rosário... (Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Penha: 1920, p.12).

Em 1932 os padres começaram a preocupar-se com os pretos do Rosário, segundo nos mostra um dos trechos registrado no Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Penha, do ano de 1932 em sua página 52:

Temos na Penha uma Liga Católica independente da liga católica da matriz e dos moços só de homens de côr com a sede na Igreja do Rosário. Consta de quase trezentos pretos. Eles fazem a sua reza cada segunda-feira, de noite e nesta ocasião eles têm uma pequena aula de catecismo.

E em 24 de outubro de 1937 a Irmandade Associação de São Benedito tem sua apresentação, como consta igualmente dos registros do mesmo documento, o Livro de Tombo, “O padre reforma a Irmandade de São Benedito canonicamente ‘erecta’ na igreja do Rosário dividiu-a em duas secções das quais cada uma tem sua própria diretoria, as duas secções cuidarão de arranjar livros de estilo”.

Os irmãos do Rosário percebem a articulação dos padres para conduzí-los a deixar a irmandade de Nossa Senhora do Rosário, para a criação da Irmandade de São Benedito, uma vez que grande parte dos irmãos do Rosário também tinham grande devoção pelo santo negro “São Benedito”.

Na bibliografia deste santo podemos constatar o motivo de sua popularidade entre os negros brasileiros;

Nasceu em uma aldeia perto de Messina, na Sicília. Seus pais eram bons cristãos, mas escravo de um rico proprietário de terra. (...) Com apenas 10 anos, já era chamado “O Preto Santo”, apelido que o acompanhou por toda sua vida. Quando tinha cerca de 21 anos, foi grosseiramente insultado por alguns vizinhos, que escarneciam da cor de sua pele e da condição social de seu pai. (...) Apenas chegado ao convento de Santa Maria, seu superior encarregou-o do *ofício de cozinheiro* e os milagres começaram a acontecer; este convento achou-se um dia seco de provisão. A neve caía era impossível sair para esmolar. Era preciso, no entanto, dar de comer à comunidade. À noite São Benedito tomou consigo o irmão que o ajudava na cozinha: encheram de água as maiores panelas e vasos que havia; e a noite toda passou em oração. De manhã encontraram as panelas e os vasos preparados de véspera, cheios de peixes ainda palpantes em grande quantidade, que bastaram para as necessidades de todo o convento. O santo com sua atitude humilde tornou-se o mais importante do convento (QUINTÃO, 2002 apud SILVA, p. 67).

Entretanto a ideia da criação desta irmandade era retirar dos negros do Rosário o poder de persuasão e o reconhecimento que eles tinham perante seus iguais. A Irmandade de São Benedito embora permanecesse como irmandade teria anexado ao nome a palavra associação e então deixaria de ser subordinada á Igreja de Nossa

Senhora do Rosário passando então sua subordinação à Matriz de Nossa Senhora da Penha.

Nem todos aceitaram tal alteração e se desligaram deixando de fazer parte da irmandade, outros permaneceram e mantiveram as tradições dos festejos de Nossa Senhora do Rosário e com a aprovação eclesiástica passaram a realizar missas em honra a São Benedito. Inegavelmente foi essa atitude que manteve vivo os festejos por um maior período.

A história deste santo se aproxima muito da história dos negros escravizados chegados ao Brasil, que resistiam ao se conformar. Consideramos aqui o comportamento dos irmãos como cultura popular e a relação dos padres redentoristas (cultura de massa)<sup>3</sup>. Percebemos estratégias de aceitação e recusa "a dimensão cultural popular como prática local e temporalmente determinada, como atividade dispersa no interior da cultura dominante, como mescla de conformismo e resistência" (CHAUI, 1989: p.43).

Observando a imagem 01 dos anexos pode-se comprovar essa postura de afronta e resistência dos membros da Irmandade de São Benedito, pois se colocam à frente do padre e das crianças vestidas de anjo e exibem com orgulho a bandeira com a imagem de São Benedito e se apresentam para a comunidade como protagonistas daquela história de luta da qual naquele momento saem então vitoriosos, pois a festa em honra à esse santo, que também é a festa do negro, se efetiva e mobiliza igreja, bairro e ainda atrai muitos visitantes.

---

<sup>3</sup> Se pensarmos tais atitudes pelo prisma da informação que afere diferenças para Cultura de Massa e Cultura popular, em que o primeiro é a cultura produzida para o povo e a segunda é a produção da cultura pelo povo.



Imagem 1. Irmandade de São Benedito, anos 1940.

## 2. O patrimônio histórico

A Igreja Senhora do Rosário foi erguida em 16 de junho de 1802, na Freguesia da Penha de França, esta é uma das poucas igrejas dos Rosário que se mantém em seu lugar de origem, já que na maior parte dos casos, as igrejas do Rosário foram demolidas e erguidas em outros locais, ignorando assim os laços históricos de sua origem espacial. Dois desses exemplos: a Igreja do Rosário dos Homens Pretos na cidade de Guarulhos, que teve sua edificação derrubada para dar lugar ao calçadão e a lendária Igreja do Rosário dos Homens Pretos do Largo, no centro da cidade de São Paulo, inicialmente foi erguida na Praça Caio Prado, sendo feita outra edificação no Largo do Paissandu.

Poucos documentos sobre a ereção (termo muito utilizado no universo das Irmandades, tem significado especial, o qual dá um sentido espiritual ou humanístico, pode denotar o ato de levantar, erigir, ascender, subir aos céus) desta igreja foi encontrado, contudo é sabido que sua edificação foi executada por negros da então Irmandade de Nossa Senhora do Rosário que deixaram como marcas de seu testemunho de fé, as largas paredes de taipa da Igreja do Rosário.

No site da Basílica de Nossa Senhora da Penha há registros de sua construção, o qual é apresentado pelo título: “De costas para a Sé”.

...Também bem próxima, no largo do Rosário, está a capela de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, erguida em taipa por negros em 1802, na época eles eram proibidos de entrar na outra igreja, a dos brancos. Enquanto esta construção era voltada para a Catedral da Sé, a capela dos

negros foi construída exatamente atrás dela e voltada para a periferia. Os negros teriam pedido esmolas nas ruas por cinco anos para reunir o dinheiro necessário à construção da pequena capela.

Esta apresentação da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e São Benedito, é uma afirmativa do quanto a igreja católica reconhece este patrimônio cultural, mostra que a igreja católica percebe o valor histórico e social desse patrimônio, assim como a situação de discriminação vivida pela sociedade no momento da execução de sua edificação. Contudo a postura dos padres ao longo do tempo e da própria instituição denota que a exclusão e a discriminação não foram posturas somente de outrora, mas que permanecem ainda na atualidade.



No início do século XX a torre muda de lado e ganha um desenho mais pontudo, provavelmente inspirada no gótico dos padres alemães que aqui chegaram.

Imagem 2. Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos

Segundo Pelegrini, “o patrimônio material pode ser tratado como ‘legado vivo’ recebido do passado, vivenciado no presente e transmitido para as gerações futuras” (PELEGRINI, 2009: p.11). A Igreja de Nossa Senhora do Rosário é exemplo claro de Patrimônio Histórico, pois ali houve uma participação efetiva de parte da comunidade. Uma vez que aquele complexo (edifício da igreja e o que há no entorno) reúne referenciais identitários, memórias e histórias, itens importantíssimos para a formação do cidadão. Entre os referenciais identitários, pode-se ressaltar a religiosidade, fator que serve de um dos pilares de tal comunidade. É também de Pelegrini a afirmação que corrobora com tal importância, quando afirma:

A religiosidade é parte essencial da experiência da vida em sociedade. Todas as religiões perpassam pelo termo religiosidade, já que do ponto de vista da cultura esta pode ser considerada conjunto de atividades que se articulam com as crenças e os rituais (PELEGRINI, 2009: p.84).

Antropologicamente todas as práticas religiosas têm significações distintas e que fogem do controle institucional e dos significados teológicos das denominações. Não há como se controlar todas as formas de manifestar a fé da população, especificamente da população afro brasileira tal controle fica ainda mais complicado. Os símbolos e crenças que giram em torno da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, se encontra com a religiosidade dos que dela participam. O senhor Silvio de Oliveira que corrobora com o pensamento, em entrevista cedida à autora do presente artigo, em 12 de julho de 2014 deixa claro sua percepção de que a Igreja resiste às manifestações culturais religiosas.

... com a separação da religiosidade popular e do catolicismo oficial houve esse distanciamento e muitos sacerdotes hoje não conseguem entender, compreender esse universo paralelo ao catolicismo oficial e é neste ambiente que encontramos resistência em aceitar essas manifestações como manifestação de fé, como uma forma de ser católico, porque não existe só uma forma, como muitos acreditam: a ocidental...

Os pretos católicos da Penha de França avançaram com a Irmandade do Rosário, levantando assim a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Ali devotos do Rosário se encontravam para suas reuniões da Irmandade, para professar sua fé e para enterrar seus mortos.

A história desta igreja está vinculada à de muitas gerações, são pessoas que ao colaborarem com a construção material e imaterial do templo religioso puderam contribuir igualmente para a construção de uma memória. Memória essa traduzida, por exemplo, na proposta social embutida nas paredes da igreja, levando-se em conta que os integrantes da comunidade, em sua maioria, negros/pretos colaboraram com sua força física e também com seus ideais políticos e religiosos, deixando ali fundamentados e alicerçados um vínculo entre as experiências do passado e da vida cotidiana atual. Tal empreitada durante esses 213 anos de trabalho leva-nos a entender que a história da Igreja do Rosário da Penha, tornou-se igualmente um símbolo de resistência.

Resistir é da mesma forma, conseguir somar as duas vertentes culturais que regem essa comunidade, é estreitar e talvez mesclar traços de uma cultura negra/afro brasileira que traz para dentro de um templo católico, como é a Igreja do Rosário da Penha um elemento primordial do candomblé. Tal mistura vem dos registros do músico Sérgio Oliveira Pereira, que confirma a emoção quando de sua atuação ao ser coroado rei da festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito realizada no mês de junho de 2013. Quando fez a seguinte declaração à autora deste artigo durante entrevista em 07 de agosto de 2014 à Av Dr Orêncio Vidigal, Vila Carlos de Campos – Penha.

[...] eu não escondo, eu não ignoro, alguma coisa mexe. Você não faz ideia de como eu me senti bem, em tocar o tambor dentro da igreja.[...] tocar o tambor dentro da igreja me dá um negócio. A gente que é mais enraizado parece que aqui a “causa”, o São Benedito, me prendeu muito, e eu digo que temos que fazer alguma coisa (Entrevista realizada em Julho de 2014).

José Mauro Severino, morador de Santo André, entende que a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França é de fato um patrimônio histórico.

A Sérgio Oliveira Pereira somam-se outras vozes no sentido de realizar e de perenizar um chamamento quanto à necessidade de preservação desse Patrimônio Histórico que representa a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França. São vozes, sobretudo dos atores sociais que participaram e seguem atuando na preservação dos festejos e, portanto das questões culturais que a envolvem, assim como a questão da materialidade da construção, da igreja propriamente dita. José Mauro Severino que é simpatizante e incentivador pela preservação do patrimônio cultura:

É um exemplo evidente de Patrimônio Histórico, e o é de fato, pois ser reconhecida, cuidada e verdadeiramente preservada pelo povo que a valoriza como uma herança de família, que a valoriza quando ocupa, agradece e celebra o que foi construído por nossos antepassados e que assume o compromisso de mantê-la como patrimônio para as futuras gerações. É a nossa alegria e o nosso desprendimento que vivifica esta casa que é nossa, e que deseja abrigar tantos outros que aqui venham com a intenção de fazer render um patrimônio que é sentido, e não contabilizado, num espaço que é a identidade de uma família que abraça, contagia e fideliza quem a visita.

A ação das pessoas empenhadas em dar vida a este patrimônio histórico material trouxe alterações significativas para o espaço e para a comunidade. Após o tombamento iniciou-se o processo de revitalização do Largo do Rosário. O tombamento ocorreu em

16 de junho de 1982 Número do Processo: 20776/79, Resolução de Tombamento 23 de 4/5/82 - Publicação do Diário Oficial Poder Executivo, Seção I, 07.05.1982, p. 19 Livro do Tombo Histórico: inscrição nº 181, p. 42, 15/6/1982, pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico de Estado de São Paulo (Condephaat), em 1982, como se pode confirmar nos anexo 1 e 2 deste trabalho. Conforme informações oficiais da Secretaria da Cultura a Igreja possui uma nave, capela-mor e sacristia.

Apesar de tombada, a Igreja do Rosário, a exemplo de outros imóveis e construções históricas do País, prosseguiu sofrendo do descaso por parte das áreas responsáveis, no sentido de não se manter cuidada e preservada. Não são poucos os depoimentos que se agregam em torno desse tema, vindos de integrantes da comunidade do bairro. Um, em particular, do presidente do Movimento Cultural Penha, o Sr. Júlio César José Marcelino nos confirma a pouca atenção que a igreja teve por parte da responsabilidade de órgãos mantenedores do patrimônio histórico e cultural da cidade.

Minha relação com a festa e com a Penha começou em 1999, porque eu já fazia parte do Movimento Cultural Penha, quando um dos integrantes do MCP nos fez saber que a Igreja do Rosário iria ser interditada pelo CONTRU. Foi então que tentar fazer uma manifestação, para a denúncia desse descaso que estava acontecendo com a Igreja.

Em 2000 eu já estava no Movimento e então entrei nessa luta, junto com outros integrantes como o Sr. Coelho e Morelli, realizamos um evento em novembro, em comemoração ao mês da consciência negra, quando foi realizada uma missa afro celebrativa para preservar e manter viva a memória da Igreja e das tradições que a mantém. Nessa ocasião fizemos um texto-denúncia contando com a colaboração do e monsenhor Calazans, que hoje é o pároco responsável pela Basílica da Penha, assim como pelas Igrejas Nossa Senhora do Rosário e Igreja Nossa Senhora da Penha, para publicação no sentido de deixar público o que estava acontecendo. Também nesse período foi pedido uma ajuda até para a Secretaria Municipal de Cultura.

A movimentação quanto à preservação dos patrimônios culturais presentes na Zona Leste e tem sido constante, em particular deste patrimônio que situa-se no bairro de Penha de França. Prova dessa militância constante se traduz na atuação de Júlio César José Marcelino e de Patrícia Freire, integrantes do Movimento Cultural Penha, que buscam sensibilizar a sociedade civil e órgãos governamentais e não governamentais para desenvolverem projetos que fomentem a ocupação destes lugares afim criar um elo de comunicação entre passado e presente. É de Patrícia Freire, o

depoimento que se segue, e que nos confirma a sua dedicação e militância à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

Eu, nunca tinha vindo para a Penha porque eu morava no Jardim Iguatemi, a Penha era só passagem. Eu tive contato com este bairro quando vim trabalhar no Movimento Cultural Penha em 2004 foi então que fiquei sabendo que havia aqui um centro histórico, igrejas históricas [...] Quando vim para cá era um trabalho de militância, não recebia nada por isso. Tinha me formado em História e estava estagiando na Casa de Cultura de São Miguel, quando tive contato com o pessoal do Movimento Cultural Penha. Nessa época, as atividades eram muito ligadas às escolas. Até pelo meu olhar, que era mais pedagógico porque eu fiz Licenciatura, então me voltava mais para a educação do patrimônio histórico e sua preservação dentro das escolas e fora dela. Então digo que meu contato foi por causa do patrimônio<sup>4</sup>.

Igualmente com esses atores sociais até aqui presentes, como seus depoimentos está Carlos Casemiro, o filho de dona Maria Narciso Casemiro, uma das zeladoras da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, cuja família participou das duas irmandades presente nesta igreja. Para Casemiro, a Igreja é também o espaço de ressignificação da sua vida, identidade e elo com a história de sua ancestralidade.

A identificação da comunidade com suas raízes ancestrais e religiosas é um dos fortes motivos que as levam a lutar pela sobrevivência da festa também. Pois é através dos festejos que se permitem a preservação da tradição e ao mesmo tempo a circulação desses traços culturais tão particulares no que diz respeito aos festejos dessas duas figuras de tanto destaque junto à história da religiosidade brasileira, que são São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

Os grupos que hoje participam da festa de Nossa Senhora do Rosário, realizam suas atuações em eventos que ocorrem durante o mês de junho, em celebração à data de ereção da igreja. Tal data, em substituição do mês de outubro, resgata, abriga e fortalece o patrimônio imaterial, uma vez que congrega as tradições do Congado, do Reisado, do Maracatu e das Irmandades Negras. São esses grupos que, com sua presença, dão vida ao Rosário e à sua comunidade, quando ao se manterem em contato, promovem boa parte de uma trajetória histórica que foi e é omitida dos livros e, portanto da escola.

---

<sup>4</sup> Entrevista à autora deste artigo, realizada na sede do Movimento Cultural Penha em 27/07/2014.

O material se subordina ao imaterial e não ao contrário. As lembranças conscientes e inconscientes, os valores humanos se constituem como principais patrimônios que todos devemos salvaguardar e promover, da melhor maneira. As Irmandades Negras e o Congado, nesta festa no bairro da Penha de França têm destaque especial, não somente por comparecem em maior número, mas principalmente porque tais manifestações ajudavam e ajudam a definir a identidade do grupo que dele participam.



Imagem 3. As congadas entram na Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos para pedir a bênção da santa.

### 3. Os festejos

*“A festa do povo pode carregar uma dimensão política libertadora, na medida em que manifesta a multiplicidade cultural e proclama de forma expressiva a possível consciência da opressão”.*

*Jorge Claudio Noel Ribeiro*

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário na Freguesia da Penha de França, tinha grande número de associados, o livro de registro dos assentamentos não consta número total de associados, todavia os registros dos livros de ata da Paróquia Nossa Senhora da Penha assinala que em 1932 havia aproximadamente trezentos associados na

Irmandade e ali prestavam muitos serviços, a festa era a consagração de todo o trabalho executado durante o ano e o momento de libertação e protagonismo.

Verificando dos registros de o assentamento desta associação nota-se que havia grande resistência eclesiástica na realização destes festejos. Através de fotos da década de 1940 pode-se perceber a movimentação que estes eventos provocavam em todo o entorno. Sempre havia a presença marcante de negros, de brancos e do clero, o que nos mostra a força hegemônica da Igreja Católica, como se pode ver nas imagens que se seguem (4 e 5).



Imagem 4. Negros, brancos e o clero na festa.



Imagem 5. Comunidade da Penha

A festa é o acontecimento social de envolvimento parcialmente coletivo, pois, o qual pode ocorrer como em um clique ou somente uma vez ao ano, como é o caso da Festa de Nossa Senhora do Rosário, o que promove uma ruptura com a rotina do bairro e gera comportamentos e rituais muito expressivos e altera as relações rotineiras, o que pode colaborar para o fortalecimento da festa no que se refere ao número de pessoas que dela participam ou assistem isto pela sua recorrência durante o ano ou o afastamento pelo longo período sem movimentação dos festejos.

Passados 200 anos da ereção da igreja voltaram grupos preocupados com o descaso do governo e da Igreja que decidem se mobilizar para dar vida ao patrimônio histórico que o tempo estava se encarregando de apagar do espaço, contudo a história e memória desta igreja e dos diversos homens e mulheres que por ali passaram não seriam apagadas.

Parte dessa memória segue viva, na fala de antigos moradores do bairro da Penha, como é o caso de José Morelli, que desde criança acompanha os festejos em homenagem aos santos negros. Fator que se junta a seu envolvimento pessoal, motivação que trouxe a retomada dos festejos, e o novo colorido ao Largo do Rosário.

Lembro-me, ainda menino, no início dos anos 50, ter ajudado uma missa solene de três padres, cantada em latim, como era costume acontecer antes das reformas litúrgicas implementadas pelo Concílio Vaticano II, celebrada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário da Penha. [...] a dona Dirce Mendonça, antiga catequista da paróquia numa entrevista gravada faz algum tempo, assegurou que os festeiros de São Benedito, e tempos mais antigos traziam grupos de congadas para acompanhar essas festas. Dona Zezé Machado se incumbia, além e outras coisas, de fornecer os doces que tradicionalmente eram distribuídos às crianças [...] As procissões eram sempre muito concorridas [...] A aproximação da data em que a igreja iria completar 200 anos ajudou no empenho de que fosse feita sua reforma [...] a cada ano que passa as pessoas que a ela estão se dedicando e fazem parte da comissão, vêm buscando aprimorá-la coo manifestação de uma parte de nossa história, de uma religiosidade e de uma cultura popular específica. (Morelli, 2008)

O formato da festa atual face ao passado se altera. A apropriação do espaço e reafirmação da identidade faz com que haja um empoderamento mais marcante que apaga a obediência de outrora.

A expressividade presente nesta festa explode na dança, nas roupas à fantasia, nos instrumentos e em diversos recursos visuais. Esta expressividade popular é, sobretudo social, criadora de igualdade: o canto manifesta a fala grupal, cheia de poesia e alegria, em contraste com a comunicação cotidiana em que se é obrigado a ouvir calado e obediente. A dança rompe coma a fadiga dos movimentos automatizados, retilíneos, solitários. A dança é uma forma de estar junto, ela rompe com a individuação de um corpo total. (RIBEIRO: 1982, p. 28)

Dentre os festejos realizados pelas irmandades negras e pastorais afro na Zona Leste de São Paulo, esta festa é a de maior expressividade. A cultura popular, presente na festa (grupos como as Congadas, Moçambique, Marujada, Maracatu, Folia de Reis e outros) é mais comum no interior do Estado quando ganha lugar especial na capital, enriquece e atrai olhares.

O jornalista Joel Novaes, fundador da Irmandade Nossa Senhora da Paz, reúne seu grupo que tem grande parte dos membros nascidos no interior do Estado de São Paulo ou dentro do Estado de Minas Gerais e os leva de Itaquera, bairro da periferia da capital paulista e os leva para a Penha de França onde as pessoas que estão afastadas de sua tradição local terão a oportunidade de ter contato com os grupos que se apresentam nas Festas de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

[...] usamos a festa da Penha para as pessoas verem que existe tudo aquilo que eles gostavam, tinha gente que duvidava que fosse ver uma Folia de Reis novamente [...] íamos à Penha para que eles vissem que tudo isso ainda existe<sup>5</sup>.

Diante de tais registros no processo que nos aponta até aqui a trajetória histórica e cultural dessa festa religiosa, vem a corroborar com o professor e pesquisador Ribeiro quando afirma que é necessário dilatar a visão setorizada da festa. Ribeiro Jr. acrescenta que “urge romper com certo reducionismo ingenuamente crítico que pinta com as cores dramáticas da alienação justamente aqueles momentos que o povo dá seu maior investimento afetivo” (RIBEIRO JR., 1982: p. 13).

O efeito que a festa provoca no bairro ao ter a duração de um mês, julgamos ser de interação e participação de pessoas com interesses distintos, mas que naquele dado momento estão se relacionando, caminhando em busca de um ponto comum de suas vivências.

---

<sup>5</sup> Entrevista dia 07 de julho de 2014.

#### 4. Sobrevivências e transformações

*Ora, seres e objetos culturais nunca são dados, são postos por práticas sociais e históricas determinadas, por formas de sociabilidade, da relação intersubjetiva, grupal, de classe, da relação com o visível e o invisível, com o tempo e o espaço, com o possível e o impossível, com o necessário e o contingente" (Chauí, 1989: p.122).*

Chauí considera o popular em suas ambiguidades, como "tecido de ignorância e de saber, de atraso e de desejo de emancipação, capaz de conformismo ao resistir, capaz de resistência ao se conformar" (1989: p.124). Podemos legitimar estas teorias vendo e escutando os depoimentos dados pelos participantes da festa, os quais, alguns deles foram nossos informantes.

As sobrevivências culturais ao redor do catolicismo negro, marcadas não só pela devoção nos santos da igreja católica, mas como também na vontade de negros e negras pela preservação de suas raízes, ou seja, da tradição desse rico mundo cultural é um dos pontos fortes da comunidade de atores sociais que se mantém próxima para a realização da festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

[...] a cultura é concebida como o terreno historicamente moldado sobre o qual todas as correntes filosóficas e teóricas operam e com a qual elas devem chegar a um acordo. Chama a atenção para o caráter determinado desse terreno e a complexidade dos processos de desconstrução e reconstrução, pelos quais os velhos alinhamentos são derrubados e novos alinhamentos podem ser efetuados entre os elementos dos distintos discursos entre as ideias e as forças sociais (Hall, 2009, p.307).

Percebe-se então que o resgate das tradições e a (re) afirmação da identidade são elementos que fizeram com que a festa sobrevivesse por mais de dois séculos, mesmo com seus períodos de interrupção e por todas as transformações, sociais, políticas e religiosas por qual passou a sociedade na zona leste de São Paulo, é necessário aqui ampliar geograficamente, pois ao longo do artigo percebeu-se que não foram só os moradores da Penha de França que se envolviam com os festejos, há um leque geográfico. Com o passar do tempo, a festa veio se ampliando, porque muitos destes permanecem alocados na Zona Leste, especialmente por motivos financeiros o que não exclui a aproximação afetiva, identitária e familiar à região.

Parte-se então da premissa de que a festa produzida por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos sempre foi constituída por uma pluralidade de

identidades com interesses distintos, mas será nos depoimentos recolhidos pela a autora do artigo que encontraremos os elementos que trarão a unicidade presente no Rosário.

Parte dessas raízes é mantida principalmente no processo da festa em si, que embora tenha alterações ao longo do tempo, vai se mantendo com atuação de veteranos integrantes da festa, que se propõem a não somente atuar, como também relatar suas vivências em depoimento como este do qual reproduzimos um trecho: o Sr. Carlos Casemiro que é neto da Sra. Maria Tarciso Casemiro que participou da Irmandade de São Benedito nos relata como e porque se insere nos festejos a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito:

...Eu não sei se terá uma continuidade da festa, mas eu tô lutando por isso. As celebrações, acho que estão acontecendo, penso que é um ponto legal para a continuidade. As pessoas estão vindo participar e para se inteirar mais da história da igreja, do bairro. Eu falo porque entrei pra esta festa de corpo e alma, eu vim atraído pela devoção, pela história do meu pai da minha mãe. Hoje não enxergo uma possibilidade de crescimento profissional ou político como muitos que vem participar e que participam, eu tenho uma identidade com tudo isso, é resgate, é memória e devoção. (Entrevista cedida em 31/07/2014)

Assim como o Sr. Carlos Casemiro, que na infância participa da festa pela educação religiosa dada pelos seus pais tendo então uma participação inconsciente, hoje na vida adulta se mantém e faz memória aos seus ancestrais, assim também é para a Dona Rosinha e o Sr. Ditão, mestres da Folia de Reis Estrela do Oriente, que receberam a tradição do Reisado de seus pais, nota-se que para alguns dos protagonistas destes festejos a festa sobrevive na preocupação e ação feita em prol da preservação da tradição. São muitos os mestres e capitães do Congado que recebem o legado dos pais e avós e hoje mantém viva esta tradição, outro exemplo é a Capitã Gislaine Afonso que herda do pai, Mestre Zé Baiano, fundador e antigo Capitão da Congada de Santa Ifigênia (Mogi das Cruzes/SP).

É importante aqui abrir um parêntese sobre as tradições do Congado e do Moçambique que são manifestações culturais de origem africana, heranças de nossos antepassados que sobrevivem, sobretudo, pela prática da oralidade. Mestres e capitães passam para os filhos, sobrinhos e amigos a tradição do Congado, assim como também acontece nas tradições do Reisado. O mestre Silvio de Oliveira é exemplo vivo desta tradição que passa de pai para filho como pode-se constatar abaixo, quando relatou sua trajetória de criança discriminada pelos amigos por participar do Moçambique de seu

pai, na cidade de Cruzeiro e Queluz no interior paulista, até tornar-se mestre de sua própria Companhia de Moçambique na capital de São Paulo.

Meu primeiro contato com esse universo foi com meu pai, ele gostava muito [...] e como eu sou o caçula de nove irmãos eu aprendi a gostar por incentivo dele. Ele participava do Moçambique e Santo Reis, assim como minha mãe também, eles participavam lá em Cruzeiro onde morávamos [...] o primeiro contato foi por conta da religião, da devoção que eles mantinham. (Silvio de Oliveira, entrevista cedida dia 12/07/2014 à autora do artigo).

A Festa de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito na Penha de França é uma manifestação cultural plena da religiosidade presente no indivíduo nacional, a qual abriga suas três matrizes: a indígena, a africana e portuguesa e toda esta expressividade é tolerada pela igreja católica que reprime os festejos desta natureza. No depoimento de Joel Novaes, jornalista que escreveu muitos artigos para o jornal *Notícias de Itaquera* nota-se a crítica ao comportamento da igreja católica, pois a mesma desvaloriza a religiosidade popular e valoriza os novos movimentos que não reconhecem os símbolos e significados da cultura afro brasileira o que acarreta no não reconhecimento do culto aos santos de devoção de grande parte da população negra.

A Renovação carismática entrou na igreja e atropelou tudo que era raiz [...] nos bastidores eles criticam as celebrações afro por que acham que tem um quê de candomblé, de celebração de matriz africana, [...] Tem isso em muitas paróquias, entendo que eles não apoiam, mas eles cedem o espaço por não ter como inibir. Daí eles incentivam as pastorais e irmandades e esta ação se traduz em caminhos que eles foram buscar. Dimas criou a irmandade, para sair deste movimento, para rebater ao movimento da RC e segurou as celebrações e ações dentro da paróquia até quando deu. Começou a dar problema, então ele saiu de dentro da igreja e foi fazer encontros fora. (Joel Novaes em entrevista cedida à autora em 7 de julho de 2014)

A discriminação da cultura afro brasileira pela sociedade é realidade que ainda não se conseguiu modificar. Os processos transformativos da sociedade seja ele político, social ou religioso, interfere nas manifestações culturais populares que se moldam para o estado presente da sociedade, mas não perdem suas tradições.

A voz da Sra. Isaltina Barbosa Farias, educadora social do MOVA (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos) da Secretaria de Educação Municipal da Cidade de São Paulo e colaboradora das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) une-se a do

jornalista Joel Novaes que percebe em seu bairro o distanciamento da Igreja para com a realidade vivida pelos seus fiéis.

Outra inquietação, a meu ver, foi o fato inusitado de que em uma comunidade de maioria negra, nada se falava sobre racismo, discriminação ou preconceito, perguntei ao padre o motivo. Ele disse que não havia missa afro porque ele não sabia como fazer. Pedi autorização para convidar outro padre<sup>6</sup>.

A Sra. Isaltina afirma que sua participação na comunidade Nossa Senhora Aparecida no bairro A.E. Carvalho zona leste de São Paulo se dá no momento em que percebe a possibilidade de atuação social dentro da igreja “porque um bairro de periferia que tem muitos jovens na rua e sem nenhuma política afirmativa que envolva esse jovem, que acolha para que este possa criar um pensamento crítico diante da sociedade que ele vive”.

A tradição esta para presente nestes festejos de forma muito íntima, pois cada grupo, cada pessoa traz para o ambiente da festa suas memórias e revive e recria naquele momento. Os movimentos de resistência e resgate estão no cotidiano pautados em ações locais, enquanto que a festa possui uma dimensão global. A Sra. Patrícia Freire que atualmente é membro da Comissão de Festas que administra os festejos de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito na Penha entende a necessidade de ampliar as ações que promovem o resgate das tradições e preservação da memória do patrimônio cultural material e imaterial. A ação das organizações que atuam no bairro também se insere na festa como uma forma de expansão de todo o trabalho.

Foi da aproximação com as escolas que surgiu a ideia de fazer o projeto “Recado aos Nossos Ancestrais”, a gente queria fazer com que o projeto se efetivasse, porque havia ali um patrimônio histórico e várias escolas, como a gente queria trazer a discussão da patrimonização e a Lei 10.639 [...] Então ficamos com a parte educacional [...] o projeto acabava divulgando as questões que envolviam a Igreja quase que durante o ano todo. O foco era o projeto Recado aos Nossos Ancestrais, mais ele se esgotou um pouco e precisava aumentar (Entrevista cedida em 19/07/2014).

A desigualdade socioeconômica também é fator que irá comprometer a modernidade cultural. A leitura é o caminho obrigatório para a construção do processo emancipador, logo a escolarização acaba muitas vezes sendo o fator limitador desse processo. O público presente na Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos

---

<sup>6</sup> Sra. Isaltina, entrevistada dia 13 de julho de 2014.

e São Benedito na Penha de França é dividido: uma parte advém de criticidade e a outra da camada mais humilde da sociedade, que muitas vezes não teve acesso à escola formal e que aprenderem na tradição oral o valor dos símbolos ali presentes, ou seja, vivenciando a cultura ambos os grupos se aproximam e fazem a mesma experiência, a união destes se dá no momento em que o símbolo é reconhecido por ambos como parte identitária como afirma Renato Ortiz:

Toda identidade é uma construção simbólica, o que elimina, portanto as dúvidas sobre a veracidade ou autenticidade do que é produzido. Dito de outra forma não existe identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos (Ortiz, 2005: p.7)

## **5. Considerações finais**

Procuramos mostrar com todos os levantamentos históricos e teóricos que toda ação executada pela comunidade negra católica do bairro da Penha de França, desde 1755 quando nasce a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Penha de França até 2014, ainda que passados muitas transformações, foram ações de resistência.

A construção da igreja dos negros (Igreja de Nossa Senhora do Rosário) em 1822 efetivamente foi uma ação de resistência à exclusão de negras e negros que eram favoráveis ao catolicismo e não podiam manifestar sua fé dentro da igreja de Nossa Senhora da Penha, esta que é a padroeira da cidade de São Paulo.

A Igreja construída em taipa de pilão e de costas para toda aristocracia branca, região da Sé (que no século passado abrigava a classe mais nobre) e com sua frente voltada para o tão conhecido distrito de São Miguel Paulista que foi e é povoada, em sua maioria, por uma população excluída. Foi nesta ação deixando a igreja de costas para a matriz que os irmãos do Rosário encontraram de manifestar sua de resistência a todas as formas de exclusão. A Igreja então pode ser reconhecida com um símbolo de protesto.

A preservação deste patrimônio histórico e a atitude de grupos como o Movimento Cultural Penha, a Pastoral Afro e o Memorial Penha de reeducar os munícipes à importância deste patrimônio como forma de preservar a memória dos nossos antepassados e ainda de reafirmar nossas identidades, faz com que todos se reconheçam como seres plurais e que, portanto não ignorem as culturas das quais são fruto, assumir esta identidade é resistir a um sistema que massifica a comunidade pobre

da zona leste, o qual ignora o fato de que o crescimento econômico pode se efetivar não só pelo sujeito controlado e subjugado mas também pelo sujeito imbuído de consciência crítica.

Os festejos que trazem o renascimento do Largo do Rosário que estava antes do tombamento que surgiu como vimos pela ação de moradores da região que participam de movimentos até antagônicos, movimentou a economia da região, pois a feira de artesanato e as feiras da comunidade colombiana que ocorrem aos domingos e a ação das Irmãs Redentorista, junto aos moradores em situação de rua que ocupam o espaço do Largo, hoje em menor quantidade, somente surgiram por projetos de incentivo à ocupação do espaço pela comunidade local.

Algumas Irmandades Negras Católicas em São Paulo, hoje atuam no sentido de preservar a memória das irmandades religiosas dos séculos XVIII e XIX presente no Brasil, as quais tinham um cunho social religioso muito perene, a exemplo destas podemos citar a Irmandade de Nossa Senhora Aparecida de São Matias que tem como presidente a Sra. Zulmira Gomes Leite e a Irmandade de São Benedito que manteve por longo tempo a Sra. Leide como presidente e é interessante ressaltar que estas duas mulheres, a exemplo das mulheres que atuavam nestas associações trazem para o grupo uma capacidade criadora, que transcende as determinações do alto clero quando não aceitam as manifestações de fé dos afros brasileiros, contribuindo o diálogo entre os símbolos identitários trazidos pela diáspora africana e a doutrina apostólica romana.

Na atualidade podemos afirmar que a interação do público com a festa é resultado da construção de significados que ocorre através da percepção, essa percepção é carregada de valores individuais que podem pensar a Festa de várias formas diferentes, muitas dessas formas completamente destituídas de valores religiosos culturais ou de resistência.

Quanto ao fato da Festa resistir é importante notar que o conjunto de significados e interesses (pró-festa) daqueles que a organizam, mesmo que diversos, ajudam a mantê-la, porém, por serem assimétricos, tendem a se desestabilizar com o tempo, é nesse momento que os mais envolvidos com a essência dessa festa começam a se articular buscando um novo ponto de equilíbrio, por si só isso já é um movimento de resistência.

Por outro lado, o fato de fazermos parte da história do bairro (mesmo enquanto coadjuvantes), já que residimos nele durante bom tempo, nos facilitou o acesso a várias pessoas e conseqüentemente uma maior facilidade na obtenção de informações.

Desde a ideia de fazer nova leitura dos Festejos a Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos até limitar o estudo desses até o de uma única festa, tentei imprimir nesse trabalho um tom de impessoalidade, porém, o sentimento de pertencimento não só ao espaço físico como também ao espaço simbólico tocou-me fundo, percebe-se então que o trabalho, assim como o esforço para concebê-lo era a minha contribuição, e ao mesmo tempo expressava meu exercício de resistência, religiosidade e identidade cultural, partindo desse princípio, mesmo que esse trabalho não venha a contribuir para um melhor entendimento da Festa em seus vários significados, ele contribuiu para o meu amadurecimento enquanto mulher negra e agente de transformação social.

Deixo aqui minha contribuição aos festejos de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Cabe ressaltar que esta pesquisa não se esgota aqui, mas é ferramenta que pode incentivar e auxiliar novos pensamentos que podem culminar novas vertentes para o estudo do tema que necessita ser ampliado.

## Referências

**BONTEMPI, Sylvio.** *O bairro da Penha: (Penha de França, sesmária de Nossa Senhora)*. Vol. 3. Prefeitura Municipal, Departamento de Cultura, 1969.

**CANCLINI, Néstor Garcia.** *Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp. 2003.

**CERTEAU, Michel de.** *A invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

**CHAUI, Marilena.** *Conformismo e Resistência. Aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

**MENDONÇA, M. L. Martins de.** *Dançadores do Rosário. O Caminho Cultural dos Sujeitos*. Tese de doutorado, 1999, p. 159

**MOURA, Clovis.** "Formas de resistência do negro escravizado e do afro-descendente." *O Negro na sociedade brasileira: resistência, participação, contribuição*. (2004).

**ORTIZ, Renato.** *Cultura e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

**PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo.** *Patrimônio cultural: consciência e preservação*. Brasiliense, 2009.

**QUINTÃO, Antonia Aparecida.** "Lá vem o meu parente. As irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco (século XVIII). São Paulo, Annablume/Fapesp, 2002

**RIBEIRO, Jorge Cláudio Noel.** "A festa do povo: pedagogia de resistência". Vozes, 1982.

**SOUZA, Daniela Dos Santos.** "Devoção e Identidade: O culto de Nossa Senhora dos Remédios na Irmandade do Rosário de São João del-Rei—séculos XVIII e XIX." (2010).

## CONSULTA NA INTERNET

**KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim.** *Batuques Entrecruzados: A (Re) Inauguração da Vida através da Festa em Louvor a Senhora do Rosário de Catalão-GO. OPSIS*, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 35-50, mar. 2010. ISSN 2177-5648. Disponível em: <<http://h200137217135.ufg.br/index.php/Opsis/article/view/9267/6363>>. Acesso em: 19 Jun. 2014. doi:10.5216/o.v4i1.9267.

**VALLADARES, Licia.** *Os dez mandamentos da observação participante*. Rev. bras. Ci. Soc.[online]. 2007, vol.22, n.63, pp. 153-155. ISSN 0102-6909. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092007000100012>. <http://lavagemdaigrejadorosario.blogspot.com.br/2011/10/historia-da-igreja-do-rosario-situada.html> acesso em 04/04/2014 <http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=163&layout=abstract&locale=> acesso em 09/04/2014

<http://memorialpenha.wordpress.com> – acesso em 10/08/2014.

As fotos são do arquivo do Movimento Cultural Penha e de autoria própria.